

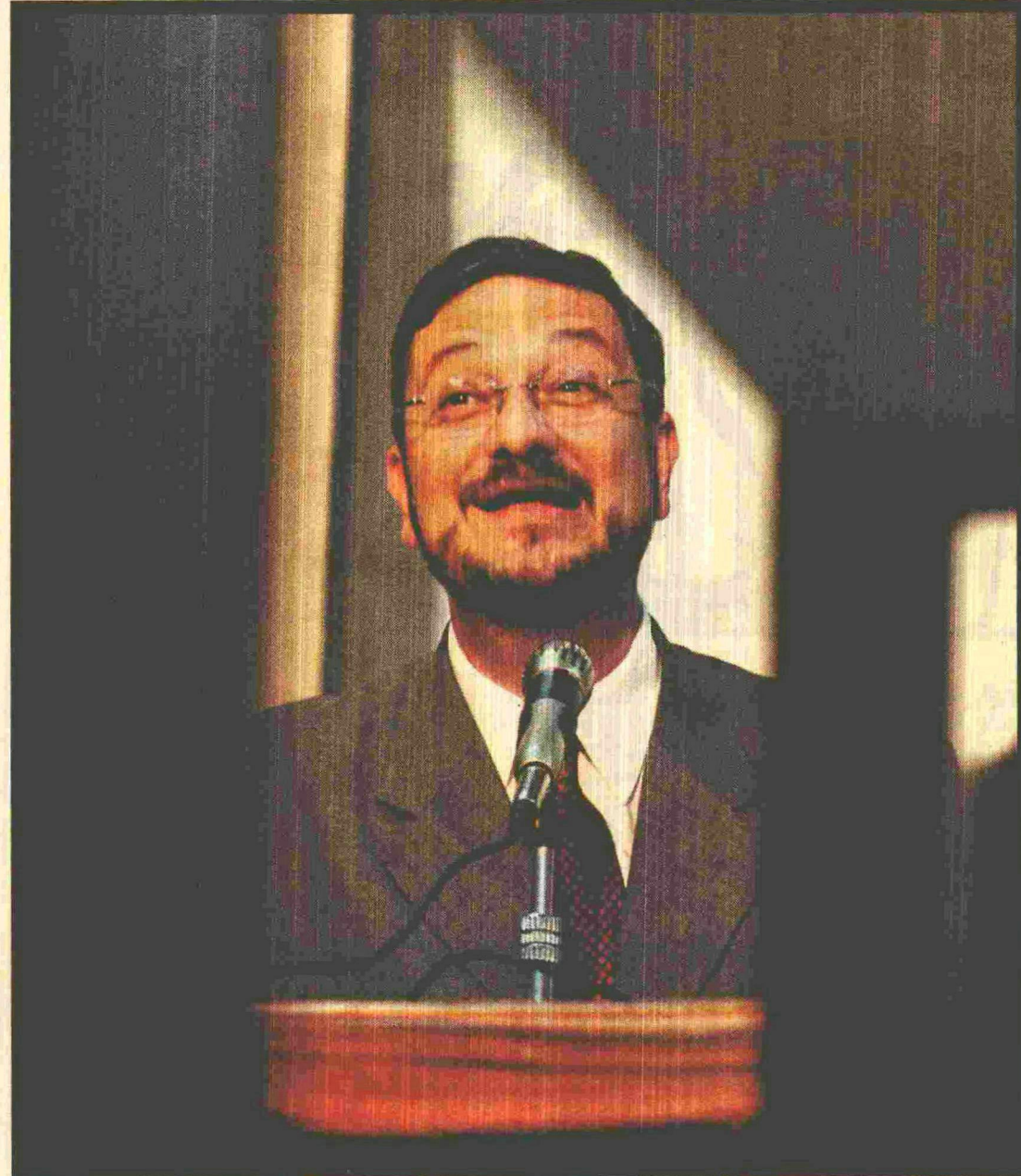
POLÍTICA ECONÔMICA

Economiz - Brasil

Ministro da Fazenda e secretário do Tesouro rebatem bancos internacionais e reafirmam "compromisso de ouro" com o equilíbrio fiscal. Palocci sustenta que superávit de 4,25% será cumprido este ano

Gastos limitados

Cadu Gomes 1.3.04



“

NÃO HÁ MOTIVO PARA QUE HAJA DÚVIDAS SOBRE O COMPROMISSO FISCAL DESSE GOVERNO

”

Antonio Palocci, Ministro da Fazenda

Levy classificou como “falta de perspectiva” a acusação feita pelo JP Morgan de pouco avanço na agenda de reformas do país. Na avaliação do secretário, são “bas-

tante pontuais” os reajustes pedidos até agora pelos servidores, e as contrapropostas que estão sendo apresentadas pelo Executivo estão em linha com a política

de ajuste fixada. “O governo tem reagido com serenidade e sem pôr em risco as metas fiscais”, comentou Levy.

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, rebateu ontem as avaliações de bancos internacionais que, nos últimos dias, manifestaram preocupação com a política fiscal do governo e com a possível formação de um cenário externo adverso para a economia brasileira. “Não vou comentar relatório de banco. Eu comento as minhas avaliações e elas indicam que a economia brasileira vai ter um bom desempenho neste ano”, afirmou.

Para Palocci, o equilíbrio fiscal é um “compromisso de ouro” do governo e será cumprido, neste e nos próximos anos, como está indicado no projeto da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), encaminhado ontem ao Congresso. Quanto ao cenário internacional, o ministro afirmou que o ajuste já realizado nas contas externas deixou o país preparado para enfrentar eventuais turbulências.

“Não acredito que a economia mundial vai ser adversa neste ano. Será um ano de crescimento econômico não apenas para o Brasil, mas também para o mundo”, disse ele, pouco antes de iniciar sua palestra no 3º Fórum Empresarial, promovido pela Lide - Grupo de Líderes Empresariais, na Ilha de Comandatuba, na Bahia. Segundo Palocci, não há ameaça de reversão do cenário até agora favorável dos mercados externos.

O ministro acredita, porém, que a economia está suficientemente fortalecida para enfrentar eventuais pressões externas. “Nossa dívida cambial, que há um ano era de 40% do total, hoje é de 17%. Os dados mostram su-

perávit da balança comercial e da conta corrente, estabilidade orçamentária e convergência da inflação para as metas do governo”, disse. Não há riscos, de acordo com Palocci, de que as pressões por aumento de despesas que o governo vem sofrendo possam comprometer o ajuste das contas públicas.

Palocci afirmou ainda que o governo tem um compromisso de longo prazo de manter um superávit fiscal equivalente a 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB) para reduzir a dívida pública. “Cumpriremos a meta este ano, assim como cumprimos no ano passado. Não há motivo para que haja dúvidas sobre o compromisso fiscal desse governo”, disse.

Segundo ele, questões como o reajuste salarial dos servidores federais e o aumento do salário mínimo “estão sendo tratadas em um ambiente de sustentabilidade do orçamento”. O governo, explicou, está ciente de que, se avançar mais em uma área, terá de avançar menos em outra. “Há espaço para alguns gastos a mais. Para todos, não”, resumiu Palocci.

Compromissos firmes

Em Brasília, o secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy, garantiu que, apesar de toda pressão por mais gastos, o governo Lula não deixará de cumprir as metas fiscais deste ano.

“O governo tem um compromisso inequívoco com as metas”, afirmou. Segundo ele, limites serão impostos nas negociações com os servidores sobre reajustes salariais e as despesas, sob nenhuma hipótese, correm o risco de ficar “à deriva”.